



O Hino a Hécate de Hesíodo

Hesiod's *Hymn to Hecate*

Thais Rocha Carvalho¹

e-mail: thais.carvalho@usp.br

orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4870-2450>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v8i1.33077>

RESUMO: Poucas divindades gregas possuem uma diversidade de representação tão ampla quanto Hécate. Enquanto nos períodos clássico e helenístico a imagem que parece dominar é a da Hécate deusa da magia e protetora das feiticeiras, no período arcaico sua ambiguidade é bem mais marcada: a Hécate que nos é apresentada no *Hino Homérico a Deméter* tem pouquíssimo em comum com a Hécate de Hesíodo. Nesse sentido, este texto tem por objetivo analisar a representação de Hécate na *Teogonia* (versos 404-452), tentando compreender os pontos de aproximação (e também afastamento) com outras representações da deusa na literatura grega.

PALAVRAS-CHAVE: Hesíodo; Hécate; *Teogonia*; Poesia Grega Arcaica

ABSTRACT: Few Greek divinities have such a broad representation diversity as Hecate. While in the Classic and Hellenistic periods the image that seems to prevail is that of Hecate as goddess of magic and protector of witches, in the Archaic period her ambiguity is much more remarkable: the Hecate featured in the *Homeric Hymn to Demeter* has little in common with Hesiod's Hecate. In this sense, this paper aims to analyze Hecate's representation in the *Theogony* (verses 404-452), attempting to understand the approximation (and also deviation) with other representations of the goddess in Greek literature.

KEYWORDS: Hesiod; Hecate; *Theogony*; Archaic Greek Poetry

¹ Doutoranda em Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, sob orientação da Profa. Dra. Giuliana Ragusa.



Introdução

Caracterizar figuras divinas gregas não é uma tarefa fácil. Cada um dos três períodos históricos da Grécia Antiga possui características próprias, e mesmo se estivermos considerando apenas cada um deles separadamente, não podemos esperar uma unidade na representação de divindades, já que cada *pólis* tinha cultos específicos, que podiam ou não coincidir com as tradições consideradas pan-helênicas. Como nos lembra Sourvinou-Inwood (1978, p. 102), “nenhum aspecto de uma divindade tem qualquer significado se separado de seu contexto orgânico”.

O caso de Hécate, em especial, é particularmente desafiador. Por toda a Antiguidade, Hécate foi uma deusa de grande diversidade, originalmente multifacetada, mas cujas atribuições sombrias ganham força e acabam por prevalecer em representações posteriores (GRIFFITHS, 2006, p. 54; Johnston, 1990, p. 2) – de forma tão marcada que podemos ver ecos dessa representação até mesmo na tragédia *Macbeth*, de Shakespeare.²

Primeiramente, é importante notar que Hécate não é uma deusa de origem grega. Embora sua origem exata seja incerta, a teoria mais aceita a posiciona ao oeste da Ásia Menor, mais especificamente na Cária (JOHNSTON, 1990; 1999). Evidências arqueológicas de seu templo helenístico em Lagina (no sudoeste da Turquia), de acordo com Johnston (1999, p. 206), “sugerem que ela desempenhava os mesmos papéis na Cária que Cibele desempenhava na Frígia: deusa da cidade, deusa mãe e benfeitora global”. Esses papéis, no entanto, não são os que a deusa passará a desempenhar ao ser assimilada ao panteão grego.

Nos períodos clássico e helenístico – como podemos ver no canto III das *Argonáuticas*, de Apolônio de Rodes, por exemplo, e mesmo em tragédias como a *Helena* (verso 569) de Eurípides –, já está bem solidificada a conexão de Hécate com os espíritos dos mortos e a magia (JOHNSTON, 1999, p. 203). No período arcaico, porém, essa não é a Hécate que encontramos nos dois principais poemas em que ela está representada: a *Teogonia* e o *Hino Homérico a Deméter*. Mesmo entre os dois poemas, a representação de Hécate é bastante distinta.

O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar a representação da deusa na *Teogonia* de Hesíodo e entender um pouco melhor seu papel no poema.

² Para uma análise da figuração da deusa em *Macbeth*, ver meu artigo “Hécate, Deusa da Magia: representação em *Macbeth*” (CARVALHO, 2018).

Hino a Hécate

Hesíodo dá um lugar de destaque a Hécate na *Teogonia*, dedicando-lhe os versos 404 a 452, passagem que foi apelidada *Hino a Hécate* por seu tamanho e estrutura. Apresento primeiro a passagem completa com texto grego estabelecido por West (1966) e tradução minha, para depois seguir à análise.

Texto grego e tradução:

Φοίβη δ' αὖ Κοίου πολυήρατον ἦλθεν ἐς εὐνήν· κυσαμένη δῆπειτα θεὰ θεοῦ ἐν φιλότῃτι	405
Λητῶ κυανόπεπλον ἐγείνατο, μείλιχον αἰεΐ, ἦπιον ἀνθρώποισι καὶ ἀθανάτοισι θεοῖσι, μείλιχον ἐξ ἀρχῆς, ἀγανώτατον ἐντὸς Ὀλύμπου. γείνατο δ' Ἀστερίην εὐώνυμον, ἣν ποτε Πέρσης ἠγάγετ' ἐς μέγα δῶμα φίλην κεκλήσθαι ἄκοιτιν.	410
ἠ δ' ὑποκυσαμένη Ἑκάτην τέκε, τὴν περὶ πάντων Ζεὺς Κρονίδης τίμησε· πόρεν δέ οἱ ἀγλαὰ δῶρα, μοῖραν ἔχειν γαίης τε καὶ ἀτρυγέτοιο θαλάσσης. ἠ δὲ καὶ ἀστερόεντος ἀπ' οὐρανοῦ ἔμμορε τιμῆς, ἀθανάτοισι τε θεοῖσι τετιμένη ἐστὶ μάλιστα.	415
καὶ γὰρ νῦν, ὅτε ποῦ τις ἐπιχθονίων ἀνθρώπων ἔρδων ἱερὰ καλὰ κατὰ νόμον ἰλάσκηται, κικλήσκει Ἑκάτην· πολλή τέ οἱ ἔσπετο τιμῇ ῤεῖα μάλ', ᾧ πρόφρων γε θεὰ ὑποδέξεται εὐχάς, καὶ τέ οἱ ὄλβον ὀπάζει, ἐπεὶ δύναμις γε πάρεστιν.	420
ὅσσοι γὰρ Γαίης τε καὶ Οὐρανοῦ ἐξεγένοντο καὶ τιμὴν ἔλαχον, τούτων ἔχει αἴσαν ἀπάντων· οὐδέ τί μιν Κρονίδης ἐβίησατο οὐδέ τ' ἀπηύρα, ὅσσ' ἔλαχεν Τιτῆσι μετὰ προτέροισι θεοῖσιν, ἄλλ' ἔχει, ὡς τὸ πρῶτον ἀπ' ἀρχῆς ἔπλετο δασμός.	425
οὐδ', ὅτι μονογενῆς, ἦσσαν θεὰ ἔμμορε τιμῆς καὶ γεράων γαίῃ τε καὶ οὐρανῷ ἠδὲ θαλάσσει, ἄλλ' ἔτι καὶ πολὺ μᾶλλον, ἐπεὶ Ζεὺς τίεται αὐτήν. ᾧ δ' ἐθέλη, μεγάλως παραγίγνεται ἠδ' ὀνίνησιν·	429
ἔν τε δίκη βασιλεῦσι παρ' αἰδοίοισι καθίζει,	434
ἔν τ' ἀγορῇ λαοῖσι μεταπρέπει, ὄν κ' ἐθέλησιν·	430

ἦδ' ὀπότη' ἐς πόλεμον φθισήνορα θωρήσσονται
 ἀνέρες, ἔνθα θεὰ παραγίνεται, οἷς κ' ἐθέλησι
 νίκην προφρονέως ὀπάσαι καὶ κῦδος ὀρέξαι. 433
 ἐσθλή δ' ἰππήεσσι παρεστάμεν, οἷς κ' ἐθέλησιν· 439
 ἐσθλή δ' αὐθ' ὀπότη' ἄνδρες ἀεθλεύωσ' ἐν ἀγῶνι· 435
 ἔνθα θεὰ καὶ τοῖς παραγίνεται ἦδ' ὀνίνησιν·
 νικήσας δὲ βίη καὶ κάρτει, καλὸν ἄεθλον
 ῥεῖα φέρει χαίρων τε, τοκεῦσι δὲ κῦδος ὀπάζει. 438
 καὶ τοῖς, οἱ γλαυκὴν δυσπέμφελον ἐργάζονται, 440
 εὔχονται δ' Ἐκάτη καὶ ἔρικτύπῳ Ἐννοσιγαίῳ,
 ῥηιδίως ἄγρην κυδρὴ θεὸς ὥπασε πολλήν,
 ῥεῖα δ' ἀφείλετο φαινομένην, ἐθέλουσά γε θυμῷ.
 ἐσθλή δ' ἐν σταθμοῖσι σὺν Ἑρμῇ ληίδ' ἀέξειν·
 βουκολίας δὲ βοῶν τε καὶ αἰπόλια πλατέ' αἰγῶν 445
 ποιίμας τ' εἰροπόκων οἴων, θυμῷ γ' ἐθέλουσα,
 ἐξ ὀλίγων βριάει κακὰ πολλῶν μείονα θῆκεν.
 οὔτω τοι καὶ μουννογενῆς ἐκ μητρὸς ἐοῦσα
 πᾶσι μετ' ἀθανάτοισι τετίμηται γεράεσσι.
 θῆκε δέ μιν Κρονίδης κουροτρόφον, οἱ μετ' ἐκείνην 450
 ὀφθαλμοῖσιν ἴδοντο φάος πολυδερκέος Ἡοῦς.
 οὔτως ἐξ ἀρχῆς κουροτρόφος, αἱ δέ τε τιμαί.

E dirigiu-se Febe ao mui desejável leito de Coio;
 grávida a deusa por conta do amor pelo deus, 405
 gerou Leto peplo-negro, sempre amável,
 gentil para com homens e deuses imortais,
 amável dès o início, a mais suave dentro do Olimpo.
 E gerou Astéria bom-nome, que um dia Perses
 Fez conduzir à grande casa para ser chamada sua esposa. 410
 Ela engravidou e pariu Hécate, a quem, mais que a todos,
 Zeus Cronida honrou; e deu-lhe dádivas radiantes,
 para ter parte da terra e do mar ruidoso.
 Ela também partilhou a honra do céu estrelado,
 e pelos deuses imortais é sumamente honrada: 415
 também agora, quando em um lugar um homem mortal
 faz belos sacrifícios regrados e os propicia,

invoca Hécate. Bastante honra segue aquele,
 mui fácil, de quem, benévola, a deusa aceita preces,
 e a ele oferta fortuna, pois a potência está a seu lado. 420
 Tantos quantos Terra e Céu geraram
 e granjearam honraria, de todos eles tem uma porção;
 e com ela o Cronida em nada foi violento nem usurpou
 daquilo que granjeou entre os Titãs, primevos deuses,
 mas possui como, dê o início, foi a divisão original. 425
 Nem, sendo filha única, partilha de menor porção de honra
 e mercês na terra, no céu e no mar,
 mas ainda também muito mais, pois Zeus a honra.
 Para quem quiser, magnificente, fica ao lado e favorece; 429
 No julgamento, junto a reis respeitáveis, senta-se; 434
 na assembleia, entre o povo se destaca quem ela quiser: 430
 e quando rumo à batalha aniquiladora se armam
 os varões, a deusa ao lado fica daquele a quem quer,
 benevolente, oferta a vitória e estende **a glória**. 433
 Valorosa é ao se pôr junto a cavaleiros, aos que quer; 439
 e também sempre que varões disputam uma prova – 435
 lá a deusa também ao lado deles fica e favorece,
 e o vencedor, pela força e vigor, belo prêmio
 fácil leva, alegre, e aos pais glória oferta. 438
 E para eles, que trabalham o glauco encrespado, 440
 e fazem prece a Hécate e ao Agita-a-Terra ressoa-alto,
 fácil a deusa majestosa oferta muita presa,
 e fácil tira-a quando aparece, se quiser no ânimo.
 Valorosa é com Hermes, nas quintas, no aumentar os bens:
 rebanho de gados, amplos rebanhos de cabras, 445
 rebanhos de ovelhas lanosas, se no ânimo ela quiser,
 de poucos, fortalece-os, e de muitos, torna menores.
 Assim, também sendo filha única da mãe,
 entre todos os imortais é honrada com mercês.
 O Cronida tornou-a nutre-jovem dos que, depois dela, 450
 com os olhos viram a luz de Aurora muito-observa.
 Assim, dê o início é nutre-jovem, e essas, as honras.

Análise:

O *Hino a Hécate* está localizado em uma parte quase central do poema, antecedido pela linhagem de Urano e seguido pelo nascimento de Zeus e dos outros deuses do Olimpo.

Embora Hécate não seja a última deusa antiga a nascer antes do nascimento dos Olímpicos, Hesíodo nos dá essa impressão – possivelmente de propósito, já que todas as histórias na *Teogonia* são arranjadas de modo a possuírem uma finalidade, e não aleatória ou cronologicamente (CLAY, 2003). Nas palavras de Clay (2003, p. 131): “Ao fazer da deusa a última deidade precedente aos deuses Olímpicos, Hesíodo permite que Hécate apareça como a soma e encarnação do processo cósmico como um todo, uma poderosa herdeira feminina de Gaia, Urano e Ponto”.

O *Hino* lista diversas áreas de influência de Hécate, conferindo à deusa um aspecto quase de universalidade. Para Hesíodo, Hécate parece ter influência sobre todas as esferas da vida humana, às vezes associada a outros deuses, como Poseidon e Hermes, desde que seja de sua vontade ajudar os mortais – ele parece até mesmo querer dar uma etimologia do nome da deusa, usando repetidamente fórmulas para “pela sua vontade”, “quando quiser”, entre outras, associando o nome Hécate ao advérbio ἡκέτι (*hékēti*, “pela vontade”) (CLAY, 1984, p. 34)³.

Hécate é uma deusa da antiga ordem que, de acordo com Hesíodo, mantém todas as suas honras na nova ordem de Zeus, porque ele a honra – e não o contrário, como foi o caso de Estige (*Teogonia*, versos 775-806) –, conforme podemos ler nos versos 411 a 415 e depois novamente nos versos 426 a 428.

Por ter influência sobre todas as esferas do cosmos desde o tempo dos titãs, Zeus parece perceber ser melhor ter Hécate como aliada e não inimiga; portanto, mantém todas as suas honras, inclusive dando-lhe mais algumas.

A ligação de Hécate com os mortais aparece logo nos versos 416 a 420, sendo uma das únicas partes da *Teogonia* que contém menção aos homens. Esses versos são especialmente importantes se lidos em paralelo ao episódio de Prometeu e da ocultação das carnes dos sacrifícios (*Teogonia*, versos 507-616), que explicam, justamente, como se deu a separação total entre deuses e mortais, cuja comunicação, portanto, passa a depender de sacrifícios e preces (CLAY, 1984, pp. 37-38). Assim, Hécate é a responsável por acolher (ou não) as preces dos mortais e passá-las adiante aos outros deuses.

Além disso, o *Hino* descreve várias das atividades humanas nas quais Hécate pode favorecer seus escolhidos: discursos na ágora (versos 429 e 430), guerra (versos 431 a 433), tribunais (verso 434), jogos (versos 435 a 438), montaria (verso 439), pesca (junto a Poseidon) (versos 440 a 443) e criação

³ A palavra em si não aparece na passagem, mas sim o verbo ἐθέλειν (*ethélein*, “desejar”) e o adjetivo ἐσθλή (*esthlē*, “de boa vontade”). Clay sugere, portanto, que ao usar esse vocabulário dentro do campo semântico de “desejo” e “vontade”, Hesíodo estaria evocando *hékēti* por sua semelhança sonora com o nome “Hécate”.

de animas (junto com Hermes) (versos 445 a 447) – tudo de acordo com sua vontade. Tamanho é seu poder, que basta que ela queira, e pode ajudar ou atrapalhar os mortais em suas atividades mais essencialmente humanas. Clay (1984, p. 34) elabora:

O catálogo que Hesíodo faz dos poderes de Hécate, embora não seja exaustivo, dá a impressão de universalidade. Contudo, está bem claro que esses poderes não são autônomos. (...) sua boa vontade parece ser um ingrediente essencial para o sucesso, assim como a falta dela parece levar ao fracasso. (...) O caráter essencial de Hécate, então, reside em seu fácil exercício de poder arbitrário sobre o sucesso ou fracasso de todas as empreitadas humanas.

Entretanto, todo esse poder poderia se tornar perigoso para Zeus. Por ser “filha única” (*mounogenés*), como é ressaltado duas vezes no poema (nos versos 426 e 448), um filho de Hécate herdaria todas essas atribuições, podendo, portanto, ser poderoso o suficiente para tentar destronar Zeus. Por isso, o *Hino a Hécate* se encerra com Zeus declarando-a “nutriz de jovens” (*kourotrofós*, versos 450 a 452). Voltada sobretudo à vida humana, como nutriz, Hécate é impossibilitada de ter filhos e, conseqüentemente, de gerar uma ameaça à organização olímpica (CLAY, 2003, p. 133).

Boedeker (1983, pp. 81-82), resume bem essa questão:

Sua *timé* [honra, atribuição] implica ‘honra’ mais do que ‘poder’, e não ameaça ou diminui a honra dos deuses que a deram a ela, muito pelo contrário. Por sua vez, Hécate concede *timê* e *ólbos* [riqueza, prosperidade] àqueles que ela favorece dentre os homens na terra (versos 414-420).

O fato de a *Teogonia* conferir um caráter tão universal a uma deusa que não tinha essas atribuições no período arcaico levou ao questionamento de autoria e dissenso sobre a autenticidade dessa passagem (WALCOT, 1958, pp. 10-11). “Graças a seu tamanho e aparente falta de integração com o contexto, mas acima de tudo graças aos termos peculiares de elogio reservados à deusa, o chamado ‘Hino a Hécate’ foi frequentemente considerado uma intrusão no texto hesiódico” (CLAY, 1984, p. 27). West (1966, p. 276), em sua edição de Hesíodo, refuta os principais argumentos que defendem a interpolação.

Outras vertentes também fizeram leituras de cunho biográfico, argumentando que Hesíodo teria um apreço especial por Hécate, podendo ser uma deusa com um culto em sua região, ou mesmo especial a sua família⁴. Vale notar que, nos *Trabalhos e Dias*, Hesíodo chama seu irmão de “Perses”,

⁴ Walcot (1958, p. 10) afirma que não havia nenhum culto específico a Hécate na Beócia; entretanto, West (1966, p. 277) e Mazon (*apud* Clay, 1984, p. 28) afirmam o contrário. Mazon, inclusive, assume que o culto a Hécate na Beócia já estaria bem estabelecido à época de Hesíodo (*idem*), embora não cite referências concretas para apoiar essa conclusão (Boedeker, 1983, p. 80).

o mesmo nome do pai divino de Hécate (WALCOT, 1958, p. 13). Clay (2003, p. 130), no entanto, argumenta que uma inserção de cunho pessoal quebraria a estrutura cuidadosamente construída da *Teogonia*. Para ela, Hécate tem um papel mediador no poema, o que justificaria sua presença ali. Nas palavras da autora, em estudo anterior (1984, p. 37):

O tratamento extensivo de Hécate num momento pivotal na *Teogonia* atesta não um capricho pessoal de Hesíodo, mas o entendimento do poeta da crítica função mediadora da deusa. Hécate é mediadora não apenas entre a antiga ordem e a nova, Titãs e Olímpicos; seus poderes são a ponte entre as três esferas do cosmos e é a intermediária crucial entre deuses e homens.

Hécate é a Titanida entre os Olímpicos, deusa a quem foi dada influência sobre todas as esferas do cosmos, e também aquela, como atestado nos versos 416 a 420, que possibilita a comunicação entre deuses e mortais ao avaliar os sacrifícios e preces feitos pelos homens antes que eles cheguem aos outros deuses. Está destacado, portanto, seu papel de mediadora.

Considerações finais

Apesar da imagem que temos de Hécate contemporaneamente, da terrível deusa das bruxas e da magia, muito fomentada também pela participação da deusa na peça *Macbeth*, de Shakespeare, a deusa que encontramos no período arcaico é outra.

A Hécate de Hesíodo figura como uma deusa de caráter quase universal, mediando as relações entre deuses e homens, deuses Olímpicos e Titãs e mesmo entre as três dimensões do cosmos (céu, terra e mar). Interessantemente, no *Hino Homérico a Deméter* sua caracterização também será outra, embora tendo algo em comum com a Hécate do *Hino* de Hesíodo: a função mediadora (CARVALHO, 2019, p. 71).

No *Hino Homérico*, Hécate faz duas breves aparições, logo no começo e depois ao fim do poema. No início da narrativa (versos 22-29 e 51-61), ela vai até Deméter como testemunha do rapto de Perséfone, embora se coloque apenas como testemunha auricular. Hécate, então, acompanha Deméter até a outra testemunha do rapto, o deus Hélio, que tudo vê devido a seu posicionamento no céu. A deusa só retorna à narrativa nos versos 438 a 440, para saudar Perséfone depois de sua volta do submundo, e fica então definido que ela, por residir entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, auxiliará a nova rainha do mundo dos mortos em seu movimento de subida e de descida.

Assim, Hécate, que antes não possuía atribuições próprias, passa a ter novas funções na organização do mundo, com atribuições só suas. No início do poema não está claro quais eram suas atribuições como deusa, mas ao final ela recebe uma nova honra: mediar o caminho de Perséfone (CLAY, 2006, p. 257).

Assim, a Hécate do período arcaico é múltipla em suas atribuições, mantendo uma característica definidora: a de mediadora entre esferas diversas.

Referências bibliográficas:

- BOEDEKER, D. Hecate: a transfunctional goddess in the *Theogony*?. **Transactions of the American Philological Association** (1974-), vol. 113, 1983, pp. 79-83.
- CARVALHO, T. R. Hécate, Deusa da Magia: representação em *Macbeth*. **Caletroscópio**, vol. 6, nº 1, 2018, pp. 150-163.
- CARVALHO, T. R. **Perséfone e Hécate**: representação das deusas na poesia grega arcaica. 133 fls. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-16082019-133218/pt-br.php>.
- CLAY, J. S. The Hecate of the *Theogony*. **Greek, Roman, and Byzantine Studies**, vol. 25, n. 1, 1984, pp. 27-38.
- CLAY, J. S. **Hesiod's cosmos**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CLAY, J. S. Hymn to Demeter. In: CLAY, J. S. **The Politics of Olympus**. London: Bristol Classical Press, 2006, pp. 202-265.
- GRIFFITHS, E. **Medea**. Oxford: Routledge, 2006.
- JOHNSTON, S. I. **Hekate Soteira**. A study of Hekate's roles in the Chaldean Oracles and related literature. Atlanta: Scholars Press, 1990.
- JOHNSTON, S. I. **Restless Dead**. Encounters between the living and the dead in Ancient Greece. Berkeley: California University Press, 1999.
- JOHNSTON, S. I. Magic and the dead in Classical Greece. In: PETROPOULOS, J. C. B. **Greek Magic: Ancient, Medieval and Modern**. Londres: Routledge, 2008, pp. 14-20.
- SOURVINOU-INWOOD, C. Persephone and Aphrodite at Locri: a model for personality definitions in Greek religion. **JHS** 98, 1978, pp. 101-21.
- TORRANO, J. (trad. e estudo). **Teogonia, a origem dos deuses**. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- VON RUDLOFF, I. R. **Hekate in Ancient Greek Religion**. Victoria: Horned Owl Publishing, 1999.
- WALCOT, P. Hesiod's Hymns to the Muses, Aphrodite, Styx and Hecate. **Symbolae Osloenses**, 34:1, 1958, pp. 5-14.
- WEST, M. L. (ed., coment.). **Hesiod. Theogony**. Oxford: Clarendon Press, 1966.

